

Edgard Patrício
organizador

Transformações **no** **mundo do trabalho** do Jornalismo

SÉRIE
JORNALISMO
EM MOVIMENTO

Florianópolis

EDITORA  INSULAR

2022

Copyright © Edgard Patrício (organizador), 2022

EDIÇÃO

Nelson Rolim de Moura

CONSELHO EDITORIAL SÉRIE JORNALISMO EM MOVIMENTO

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, Bruno Souza Leal, Camilla Tavares, Edgard Patrício, Juliana Teixeira, Lisiane Aguiar, Marcos Paulo da Silva, Paula Melani Rocha e Roseli Fíguro

REVISÃO

Estúdio Insular

CAPA

Norton Falcão

FOTO DA CAPA

Adobe Stock | Stockphoto Mania

SELO DA SÉRIE

Samuel Furtado

PLANEJAMENTO GRÁFICO

Ayrton Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

P314t Patrício, Edgard.

Transformações no mundo do trabalho do jornalismo / Edgard Patrício. – 1. ed. – Florianópolis, SC : Editora Insular, 2022.

775 p.; il.; figs.; gráfs.; tabs.; quadros (Série Jornalismo em Movimento, v.1).

E-book: 15 Mb; PDF.

ISBN 978-85-524-0305-0.

1. Jornalismo. 2. Trabalho Jornalístico. 3. Transformações. I. Título. II. Assunto. III. Autor.

22-30281234

CDD 070.4

CDU 070

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Jornalismo.

2. Jornalismo (imprensa).

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

PATRÍCIO, Edgard. *Transformações no mundo do trabalho do jornalismo*. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2022. (Série Jornalismo em Movimento, v.1). E-book (PDF; 15 Mb). ISBN 978-85-524-0305-0.

EDITORA INSULAR

(48) 3334-2729

editora@insular.com.br

twitter.com/EditoraInsular

www.insular.com.br

facebook.com/EditoraInsular

INSULAR LIVROS

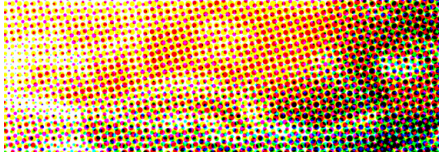
Rua Antonio Carlos Ferreira, 537

Bairro Agronômica

Florianópolis/SC – CEP 88025-210

(48) 3334-2729

insularlivros@gmail.com



PAINEL DE ESPECIALISTAS

Precarização e plataformização no mundo trabalho dos jornalistas⁴⁶

Roseli Figaro⁴⁷

Ana Flávia Marques da Silva⁴⁸

O cenário de plataformização

Não é possível discutir precarização e plataformização, sem entendermos o contexto mais geral do que está acontecendo no mundo do trabalho. Da mesma forma, não é pertinente discutir o jornalismo ou

46 Artigo derivado da aula Precarização e plataformização do trabalho de jornalistas, ministrada em 09/06/2021, no contexto da disciplina de pós-graduação, organizada pelo Programa de pós-graduação em Comunicação da UFC em parceria com outros 13 programas de pós-graduação em comunicação no Brasil.

47 Professora associada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP. E-mail: cpct@usp.br.

48 Doutoranda, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP), especialista em gestão da comunicação e marketing, pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP. E-mail: contatoanaflaviamarques@gmail.com.

o mundo do trabalho do jornalista, deslocados da compreensão mais adequada do processo histórico do desenvolvimento da profissão no cenário do capitalismo contemporâneo. Nossas análises a seguir estão amparadas nessa perspectiva e correspondem às abordagens feitas nas investigações do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho⁴⁹.

O cenário de precarização e plataformização do jornalismo⁵⁰ insere-se na crise da bolha de internet, na virada do século XX para o século XXI, nos períodos recentes de guerras e invasões envolvendo Iraque, Oriente Médio⁵¹, enfim, o papel dos Estados Unidos, entre outros elementos, formadores de um determinado contexto de crise.

E o que é a crise que vivemos nesta quadra histórica? São movimentos que causam, tremor, problemas, questões que precisam ser discutidas, porque trazem mudanças, adversidades, geralmente, para uma parte maior da população do globo e precisam ser tratadas nessa dimensão. Elas também apresentam elementos para a nossa análise que indicam alterações e perspectivas de transformação, geralmente, em processos econômicos e sociais mais amplos.

Nas duas décadas deste século XXI, nós estamos exatamente no olho do furacão de mudanças muito expressivas, sobretudo, pela reorganização produtiva, principalmente, em relação aos meios de comunicação, à digitalização e às mudanças profundas na concepção do que vem a ser atualmente a instituição empresa. Elas acarretam transformações de modo geral para as instituições sociais, para a concepção do que é a escola, do que é a universidade, enfim, para as organizações da área dos meios de comunicação.

Cláudia Rebechi e Geraldo Pinto⁵² pontuam que nós precisamos entender como esse cenário reorganiza as plantas das empresas, porque

49 Ver mais em <http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/>

50 Artigo das autoras sobre o tema está em FIGARO, R. MARQUES, Ana Flávia. A comunicação como trabalho no capitalismo de plataforma: o caso das mudanças no jornalismo. Revista Contracampo. Vol. 39, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38566>.

51 ALDÉ, Alessandra. A mídia e a guerra do Iraque. Revista Contemporânea. UFBA, n.1, 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/21239-68321-1-SM.pdf>.

52 REBECHI, Claudia; PINTO, Geraldo. *Da lean manufacturing à smart factory: a comunicação nos processos de organização do trabalho no capitalismo contemporâneo*. Contracampo, 2020. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38576>.

há uma reestruturação produtiva no sistema do capital. Essa reestruturação produtiva, transforma a organização do trabalho, e como se trabalha, como se mobilizam recursos, meios de produção para o trabalho e de que maneira isso resvala para o conjunto da sociedade.

Desse modo, vivemos em um momento cuja inter-relação comunicação e trabalho está muito mais clara, porque estão mais aparentes as implicações da comunicação nas formas de organização, racionalização de processos de trabalho, de gestão das empresas. Ou seja, está muito mais explícita, em termos da conexão, a articulação entre os dois conceitos – comunicação e trabalho. Não só por conta dos meios de informação, dos sistemas de informação, mas porque a racionalização do trabalho depende muito mais desse concerto comunicacional, do processo de produção, circulação de produtos, de pessoas, de saberes, de informação, resultando em mudança estrutural também na nossa concepção de tempo e espaço.

No início do século XX, o telégrafo e a implantação da rede ferroviária no nosso país, por exemplo, nos davam uma dimensão de tempo e espaço que agora, no século XXI, com a web, não é percebida e organizada da mesma maneira. A compressão tempo-espaço nos dá outra noção de velocidade, em uma interface amigável. Esses novos meios de produção permitem desenvolvermos diferente percepção da dimensão tempo-espaço. Isso aconteceu, no século XX, com o rádio, com o telégrafo, depois o telefone. Na atualidade, essa mudança se dá em dimensão muito maior, cria a ideia até de presentificação e imediatismo.

Essa é uma questão fundamental, de mudança muito significativa que incide diretamente nas formas de produção e de circulação de mercadorias e da organização da vida e da cultura. Causa uma desestruturação das instituições e aciona a aceleração de captação de riquezas, com objetivo de aprofundar a extração de mais valor nas formas de trabalho⁵³. Isso se dá por causa do tipo de negócio das empresas de plataformas, ou seja, os consumidores e dos trabalhadores que usam a internet,

53 Há dois livros de Ricardo Antunes fundamentais para compreendermos o processo de plataformação do trabalho, aceleração da extração do valor trabalho e desestruturação das organizações. ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão. O novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018. ANTUNES, R. (Org.). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. São Paulo: Boitempo, 2020.

mediados pelas empresas de plataforma, têm seus dados coletados e comercializados nos mercados, quaisquer que sejam eles. Além disso, há total informalidade e individualização, com a consequente desestruturação dos coletivos de trabalho.

No caso do Brasil, nesse momento, a precarização é ainda mais profunda por causa de uma legislação favorável às metas neoliberais de diminuição do Estado. Há quebras de contrato, rebaixamento de direitos sociais e destruição da Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT. Conforme temos visto na formulação, inclusive, de discursos reacionários que perpetraram ações para a destruição de nossa frágil democracia. Isso também é um sintoma da crise e é expressão do neoliberalismo. Fato que revela o Estado tomado por dentro por essas forças de destruição do próprio Estado no que diz respeito aos direitos, à cidadania, à democracia.

Do ponto de vista econômico, essa crise traz mais informalidade, já tradicional, no mundo do trabalho no Brasil; e com uma precarização de novo tipo, aquela do trabalho por aplicativo, também chamado de uberização ou de trabalho plataformizado⁵⁴, entre outras nomenclaturas.

Desse modo, aquele discurso sobre a internet como uma rede livre e de espaço democrático foi muito bonito no início dos anos 2000, mas irreal. Embora esse discurso ainda hoje circule, sabemos que a internet se tornou um espaço privado. Mesmo com tantas falsas evidências e em meio à pandemia, propagam-se as falas de ideólogos que definem o comércio das plataformas através de expressões metafóricas como ‘inteligência coletiva’, ‘economia do compartilhamento’, da ‘dádiva’, entre outras. Esse discurso se reproduz tal como o mote do compartilhamento: “O que é meu, é seu”⁵⁵, que serve para produzir ideologia de submissão. Isso parece fazer crer que a tecnologia, por ela mesma, já instituiu uma situação de benesses para todo mundo como se todas as relações de poder, de interesse e as contradições da sociedade fossem

54 Sobre o tema da uberização trabalho e o autogerenciamento subordinado, podemos citar as pesquisas de Ludmila Abílio, cuja síntese pode ser lida nos artigos: ABÍLIO, L. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Revista Psicoperspectivas*, n. 3, 2019. Disponível em: <https://www.cesit.net.br/uberizacao-do-empreendedorismo-para-o-autogerenciamento-subordinado/>. ABÍLIO, L. Uberização: a era do trabalhador just-in-time?. *Revista Estudos Avançados*, 34 (98), jan-apr 2020. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.008>.

55 SLEE, Tom. *Uberização: a nova onda do trabalho precarizado*. São Paulo: Ubu, 2017.

suplantadas, porque a tecnologia permite conexão. Esse exemplo nos revela o desafio de rever esses discursos e fazer mesmo uma autocrítica e abandonar esses slogans cuja função é promover a adesão acrítica para impedir resistência à essa nova forma de extração do valor do trabalho.

As empresas de internet produzem um discurso da organização, de participantes ‘iluminados’ com mandato social. Tom Slee retrata isso como a “crença no nascer de uma nova civilização que nos habilitará transcender nossos limites biológicos e ampliará nossa criatividade”.⁵⁶ É toda uma corrente que conta com a participação de pessoas com muito dinheiro e prestígio nas universidades e que reproduzem e que criam esses slogans, discursos que são sedutores. O autor aponta também “a expansão do livre mercado para novas áreas de nossas vidas”⁵⁷ e nisso ele comunga com Dardot e Laval, em que há uma nova razão do mundo⁵⁸, uma “governamentalidade” que vai além da economia.

Do ponto de vista econômico, as plataformas constituem um modelo de organização das empresas capitalistas que se expandem para outros setores, para diversos países, colocando uma reorientação, inclusive em termos geopolíticos. Sabemos que essas empresas têm um lugar geográfico próprio. Elas têm uma base material, terreno, água, energia, infraestrutura, elas têm uma sede e uma legislação. Essas questões acerca dos interesses geopolíticos vão se desenhando e se redesenhando também em torno desse novo modelo, dessa forma de organização que aprofunda ainda mais a exploração do trabalho.

De acordo com Rodrigo Carelli⁵⁹, as empresas de plataforma digital são “um modelo empresarial que se utiliza da tecnologia digital e dos meios atuais disponíveis de telecomunicação para a instituição de forma pura, parcial ou residual de um ‘marketplace’ ou mercado, no qual os agentes interagem para a realização de negócios”. Ele exemplifica através da ideia metafórica de shopping center, local que propicia uma

56 Idem, p. 48.

57 Idem.

58 LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

59 OLIVEIRA, Murilo Carvalho Sampaio; Carelli, Rodrigo de Lacerda; Grillo, Sayonara. Conceito e crítica das plataformas digitais de trabalho. *Revista Direito e Práxis*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, 2020, p. 2609-2634. Disponível em <https://bit.ly/2NlxXxt>. Acesso em: 18 out. 2021.

infraestrutura pré-montada, um prédio, vários andares, cujo proprietário daquela plataforma organiza e aluga espaços e presta serviços de infraestrutura: limpeza, água, energia, estacionamento, segurança e recebe por isso. O proprietário do shopping não vende nada, não produz nada que é vendido, mas fornece essa infraestrutura para a aproximação entre quem quer vender e de quem quer comprar (oferta e demanda).

Desse modo, a ideia de plataforma não é nova, mas passou a existir na forma de organização de empresas. O que tem de novo hoje é a infraestrutura de rede. Ou seja, todos podemos ter o ferramental, o celular, o computador, a câmera, mas se não há conexão com a internet e acesso a uma dessas plataformas, a utilidade dos utensílios tem pouca funcionalidade. Assim, essa infraestrutura ofertada pela plataforma compõe *softwares*, armazenamento na “nuvem” (na verdade, em grandes computadores), entre outros tipos de ofertas de infraestrutura para a organização das relações entre fornecedores e consumidores. Sadowski⁶⁰, ao citar outros autores, aponta as “plataformas digitais como um intermediário sociotécnico e comercial quase onipresente”. Ele nos mostra que estamos vivendo uma etapa do capitalismo que não é a mesma etapa do início do século XX. Nós vivemos uma etapa de financeirização, de rentismo, na qual dinheiro gera dinheiro, ademais o investimento, acrescidos dos aportes financeiros que projetam perspectivas de crescimento e de endereçamento dos interesses da sociedade em termos de produção. Essas empresas são uma característica definidora do capitalismo rentista contemporâneo. Este é um fator fundamental para quem discute comunicação e política e para entender os embates das forças sociais.

Nick Snickerk, no livro *Capitalismo de Plataforma*⁶¹, define as plataformas como um novo tipo de empresa. De acordo com o autor, elas são caracterizadas por oferecer infraestrutura para fazer a mediação entre diferentes grupos de usuários, por exibir tendências monopolísticas, causadas por “efeitos de rede, por usar subsídios cruzados para capturar diferentes grupos de usuários, e por ter uma

60 SADOWSKI, Jathan. The Internet of Landlords: Digital Platforms and New Mechanisms of Rentier Capitalism. *Antipode*, v. 52, n. 2, mar. 2020. ISSN 0066-4812, pp. 1-19. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/anti.12595>

61 SRNICEK, Nick. *Platform capitalism*. John Wiley & Sons, 2017. p. 49.

arquitetura central estabelecida que controla as possibilidades de interação”.⁶² Esse controle é de todos os tipos de interação e também o uso delas para o comércio.

O controle dos dados e a privacidade também são aspectos centrais, levantados por Shoshana Zuboff que trata as inovações do que nomeia como “capitalismo de vigilância”⁶³ e compreende as plataformas, como Google e Facebook, sendo meios de comunicação e meios de produção, tal qual foi formulado por Raymond William⁶⁴, ou seja, a comunicação passa a ser um componente central dos processos produtivos nessa etapa do capitalismo. São empresas de plataformas globais que controlam o fluxo de circulação de informações fora dos espaços nacionais. Essa ideia de espaço-território nacional é outra ideia em crise. Então, todos esses problemas pelos quais estamos passando, seja de sustentabilidade, as questões da Amazônia, a questão das privatizações, a questão da ciência, tudo isso passa pela reorganização geopolítica, ou seja, para que determinados países precisam disso? Não precisam. Para essas empresas, na divisão internacional do trabalho, nossa tarefa é criar as fazendas de cliques, manter um exército de reserva com custo baixo da força de trabalho, somos fornecedores de trabalhadores do clique, os quais são como “fantasmas”, “trabalhadores invisíveis”. Então, essas infraestruturas do Google, do Apple, Facebook, Amazon, Microsoft, baseadas todas nos Estados Unidos, reorganizam, com seus Termos de Uso, o que podemos fazer e se colocam acima da legislação de nossos países.⁶⁵

Nesse processo, o que governa essas ações é a lógica algorítmica do controle dos dados e uma racionalidade algorítmica, ou melhor, a gestão algorítmica. Isso se dá no trabalho com a articulação de plataforma,

62 Idem.

63 ZUBOFF, Shoshana. Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization. *Journal of Information Technology*, v. 30, n. 1, 2015.

64 WILLIAMS, R. *Cultura e materialismo*. [1980] São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

65 Cada vez que a gente clica lá no termo de uso – aceito, nossa constituição vai para o lixo. É isso que nós estamos fazendo. Por isso, regulamentar a vida das plataformas é muito importante para falar de uma Constituição. Nós vamos lutar para a redemocratização, manter a constituição cidadã? A cada milhares de cliques por dia que se dá nesses termos de uso, nós estamos inviabilizando uma legislação própria. É isso que nós estamos fazendo. É exatamente isso. Você não tem para quem reclamar.

algoritmo, financeirização⁶⁶ através do extrativismo dos dados⁶⁷. Esses são os eixos centrais dessa racionalidade neoliberal. Sadowski aponta que as plataformas são essencialmente rentistas, que alugam e controlam a extração de dados, a ‘desapropriação’ dos cidadãos. Por exemplo, o impacto nas cidades e nas relações de trabalho de todos esses aplicativos, como a Uber.

Em nossas pesquisas, como no *Fairwork*⁶⁸, os trabalhadores apresentam centralmente essas plataformas como ‘oportunidade’ de fazer alguma atividade remunerada, nem que seja mal remunerado. Muitos deles falam: “ah, se não tivesse essa oportunidade de trabalhar para o iFood, eu estaria no desemprego”. Nesta afirmação, fica explícito o papel do exército de reserva de força de trabalho⁶⁹. Essa é uma condição para o êxito dos proprietários das plataformas. A precarização no Brasil é estruturante, por isso, a expressão “*gig economy*” faz pouco sentido em um território em que “a economia do bico”⁷⁰ é permanente e representativa no mundo do trabalho. Atualmente, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 25 milhões de brasileiros trabalham por conta própria.⁷¹ Reside aqui uma relação muito fina em que a primeira estrutura da crise é quebrar a vida dos trabalhadores, jogá-los no desalento para poder, então, fazer essas ofertas aparecerem como dádivas, como grandes oportunidades.

Assim como o condicionante papel do exército de reserva e da precarização do trabalho, buscamos levantar nesta primeira parte os

66 Rafael Grohmann tem dado grande contribuição para entendermos o trabalho plataformizado e a lógica de gerenciamento algorítmico. Vale destacar dois textos: GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. *EPTIC*, v. 22, n. 1, 2020. GROHMANN, R. Plataformização do trabalho: características e alternativas. In: ANTUNES, R. *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. São Paulo: Boitempo, 2020.

67 MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

68 O Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho é participante da rede de pesquisa Fairwork Brasil. Ver mais em: <https://digilabour.com.br/tag/fairwork-brasil/>.

69 De acordo com Marx, o conceito diz respeito à superpopulação relativa que pode ser flutuante, latente e estagnada. MARX, KARL. *Capital: crítica da economia política: livro I*; São Paulo: Boitempo, 2014. São pessoas que estão sem trabalho, numa “reserva” para ocupar vagas em condições mais precárias e com salário menor.

70 Grohmann discute esse aspecto em vários de seus artigos. Dois deles já citados acima.

71 Ver mais em: <https://www.ibge.gov.br/>.

elementos mais gerais que conformam o contexto onde estão inseridos os jornalistas e os comunicadores, conforme discutimos em seguida.

A precarização e a plataformização do trabalho do jornalista

A precarização no mundo do trabalho dos jornalistas não é nova. Tivemos, na segunda metade do século vinte até meados dos anos de 1990, uma mudança de organização do setor em termos profissionais. Com a influência estadunidense, a partir da Segunda Guerra Mundial, se instalou no Brasil a modernização do jornalismo, na forma da reorganização das empresas jornalísticas e da profissionalização, com o registro em carteira, formalização do trabalho do jornalista, além da introdução de mudanças nas formas de edição e de conceituação do jornalismo. Dois exemplos são *O Jornal do Brasil* e o *Última Hora*, de Samuel Wainer. Depois, nos anos de 1970, a formação universitária consolidou o perfil profissional de jornalistas.

No entanto, dos anos 2000 para cá, isso vem mudando.⁷² Aprofundou-se a precarização das relações de trabalho, muitas demissões, o fim da exigência de diploma em Jornalismo e até mesmo o ataque ao registro profissional. Esses movimentos de desprofissionalização atendem à lógica da produção de conteúdo, ou seja, todo cidadão é produtor de conteúdo, dessa forma há uma descaracterização profissional e a desregulamentação de contratos, direitos e, inclusive, liberação do compromisso ético do profissional, beneficiando a lógica do clique, dos influencers, da desinformação.

Van Dijk, Waal e Poell, em *Plataformização da sociedade*⁷³, discorrem sobre a presença de organizações ou indivíduos produtores de conteúdo jornalístico como fornecedores de produtos e serviços para as plataformas on-line. Isso implica a necessidade de uma escrita vinculada às lógicas da otimização para motores de busca, para impulsionar

72 FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael. *As mudanças no mundo do trabalho do jornalista*. São Paulo: Salta, 2013.

73 VAN DIJCK, José; et al. *The Platform Society. Public values in a connective world*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

a lógica da publicidade programática. Essa forma de escrita jornalística altera a relação entre o anunciante, a agência de publicidade e a empresa jornalística, colocando esta última na disputa por recursos de publicidade com inúmeros outros negócios, ou seja, no mercado do clique.

Esse é o sentido da reestruturação da rotina produtiva, da noção do papel e o que é esta redação do nosso tempo, onde outros atores, como os buscadores de rede, passam a influenciar na escolha da pauta e, conseqüentemente, como se dará a escrita jornalística para que possa potencializar sua circulação. Esse é um aspecto do que denominamos gerenciamento algorítmico.

O principal atributo da empresa jornalística no século XX foi a montagem de uma indústria de distribuição. Desde as portas dos jornais havia uma estrutura de distribuição, um enorme espaço para transportar o produto até o local de venda, nas bancas de jornais e revistas. Podemos citar aqui o exemplo da impressão regional e da revolução na Abril editorial, no final dos anos de 1980, que passou a imprimir revistas diretamente nas regiões, descentralizando esse processo sem ficar dependente de uma estrutura única para a impressão e distribuição do material. Tudo isso acabou, desapareceu.

A circulação hoje é totalmente controlada pelas lógicas das plataformas e sobretudo das plataformas de redes sociais. Precisamos analisar como essas mudanças na esfera da circulação refletem no jornalismo. O que isso causa? O jornalismo continua o mesmo? Qual é o impacto para a questão do conceito de objetividade, periodicidade? Por que há tanta desinformação? Qual é o impacto no processo de monetização da notícia?

A mudança tecnológica não é superficial. Ela incide, como já discutimos antes, no âmago da produção jornalística. As formas de negócio que dependem da circulação nas redes estão sujeitas a regras algorítmicas que potencializam a monetização pelo clique. Por exemplo, a periodicidade e uma enorme gama de agências e, entre elas, algumas que elaboram desinformação⁷⁴, com escritas estimulantes aos cliques,

74 Já se escreveu muito sobre o tema dos caça-cliques. Em 2017, matéria do Le Monde Diplomatique (Brasil) explica de forma bem didática as estratégias desse artifício. EUTACHE,S., TROCHET,J. A jogada por trás dos sites caça-cliques. Le Monde Diplomatique Brasil. 10/out./2017. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-jogada-por-tras-dos-sites-caca-cliques/>.

geram novos formatos, afeitos à leitura linear, rápida e, potencialmente, completam sua lógica ao serem compartilhadas. São modelos de negócios que cumprem esse papel, porque estão sob a lógica da produção de conteúdo para monetização e atendem ao lucro das plataformas.

Nós precisamos perceber essas mudanças com o olhar crítico, porque como afirmamos no início, estamos no olho do furacão em que as transformações estão acontecendo. Elas estão acontecendo nas instâncias de circulação, influem no tempo-espaço com a ideia de presentismo e imediatismo e, principalmente, atuam no lugar em que o jornalismo é produzido, no que estamos chamando de redação virtual que vamos abordar a seguir.

A redação virtual

Se o contexto das plataformas traz danos relevantes ao jornalismo, há, por outro lado, enorme esforço para buscar alternativas de atuação e independência na produção jornalística. É uma busca válida, no entanto, difícil e contraditória, mesmo assim tem mobilizado grande número de profissionais que, por diversos motivos (desemprego, desalento, busca de novas perspectivas), criam arranjos de trabalho para produzir outro tipo de jornalismo.

O conceito de redação virtual foi elaborado ao ter como objeto de pesquisa os arranjos alternativos aos conglomerados de mídia, antes da pandemia da Sars-Cov2⁷⁵. Durante as medidas de prevenção e isolamento social, este modo virtual de trabalho passou a ser o espaço de mais de 80% dos profissionais da área, respondentes da pesquisa “Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19”⁷⁶.

75 MARQUES, Ana Flávia. A redação virtual e as rotinas produtivas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-16022021-201705/pt-br.php>. Acesso em: 17 ago. 2021.

76 FIGARO, Roseli (Org.). *Relatório da pesquisa – Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19*. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp-content/uploads/Covid-19-segunda-fase-relat%C3%B3rio-2021-1.pdf>.

Os elementos que ressaltamos aqui fazem parte da análise realizada em quatro veículos da mídia alternativa. São eles:

- **Jornalistas Livres:** apresentam-se como realizadores de um jornalismo democrático, plural, em rede, pela diversidade e defesa implacável dos direitos humanos. Foi criado no dia 12 de março de 2015 em meio às manifestações pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, devido à “necessidade urgente de enfrentar a escalada da narrativa de ódio, antide-mocrática e de permanente desrespeito aos direitos humanos e sociais”⁷⁷, em grande parte apoiada pela mídia tradicional. Os Jornalistas Livres – conhecidos como JLs – são oriundos da campanha de cobertura jornalística “Conta D’Água”, em Gols 2015, que reuniu diferentes coletivos da mídia alternativa para falar sobre a crise hídrica em São Paulo.
- **Opera Mundi:** lançado em 2008, o *site* propõe-se a fazer uma ampla cobertura da política internacional com a produção de reportagens e atuar também na área da cultura, comportamento e debate ideológico. Assume o posicionamento de esquerda e afirma que “nunca abriu mão de princípios e fundamentos do fazer jornalístico informativo” com a influência da imprensa independente e alternativa⁷⁸.
- **Agência Pressenza:** é a representação da agência de notícias internacional que tem sede em Quito e foi criada em Milão, Itália, em 2009. Com uma concepção pacifista e humanista, “participa de uma ampla rede de novos meios que conseguem difusão mundial de suas propostas locais ao mesmo tempo em que nutrem suas informações com o material que provê a agência”. É formada por trabalhadores voluntários que atuam como colunistas, repórteres, fotógrafos, gráficos, *videomakers*, tradutores em 24 países⁷⁹.
- **Mídia Ninja:** fundada a partir do movimento cultural Fora do Eixo que promovia festivais de cultura fora do eixo comercial Rio de Janeiro e São Paulo. Para realizar sua missão, a comunicação

77 Ver mais em: <https://jornalistaslivres.org/tag/manifesto>.

78 Ver mais em: <https://operamundi.uol.com.br/>.

79 Ver mais em: <https://www.pressenza.com/pt-pt>.

estava no centro das atividades, porque precisava divulgar, fazer releases, transmitir, fotografar, diagramar convites, artes para as bandas e todo tipo de trabalho que envolvia a iniciativa cultural. Porém, foi para fazer a cobertura do Fórum Mundial de Mídia Livre, em março de 2013, que foi fundado o coletivo específico de comunicação. Logo após esse evento, nas chamadas jornadas de junho, ficou conhecido por transmitir os protestos ao vivo e por organizar uma militância em torno de uma proposta colaborativa de comunicação que vai desde as pessoas que moram nas casas Fora do Eixo até centenas de pessoas que se organizam a partir de suas cidades ou áreas de atuação.⁸⁰

A partir da observação e entrevistas com estes arranjos, podemos descrever e analisar as características da redação virtual que passou a ter outros limites semelhantes e ao mesmo tempo diferentes das paredes físicas, mas que também circundam e delimitam onde o trabalho do jornalista é realizado. São justamente nas plataformas e na infraestrutura ofertada por elas onde a produção da comunicação é realizada, tendo no conjunto ferramental aplicativos de mensageria, de *streaming*, reuniões e videoconferências, programas de edição e gestão que passam a conformar as rotinas produtivas dos jornalistas. A maior parte destes aplicativos são produtos do chamado GAFAM (Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft) e do espectro de empresas e organizações que produzem materiais jornalísticos. São dependentes das plataformas tanto na instância de produção quanto de circulação e difusão. Quando nos aproximamos dessas atividades com olhar da pesquisa, podemos perceber o quão grave é a dependência desses grandes monopólios para o jornalismo e para a sociedade no geral.

Além da dependência, é preciso salientar que há excessiva naturalização e não criticidade acerca da segurança digital por parte das organizações jornalísticas. Seja ela alternativa ou uma grande corporação de mídia, não há um pensamento crítico sobre o uso dos dados que o jornalismo produz que são diferentes daqueles gerados por um indivíduo em seu perfil pessoal. As informações jornalísticas vão para

80 Ver mais em: <https://midianinja.org/>.

as plataformas com um tratamento, ordenamento de sentido. Ademais, o fluxo de dados de um negócio de comunicação também é mais diverso e volumoso, o que configura um tipo de dados diferenciado, mais especializado. Esse material entra gratuitamente para as plataformas e atende de maneira ainda mais elaborada à lógica das plataformas de quanto mais dados, mais precisão para a publicidade e maior venda e lucro.

Esses elementos circundam o trabalho jornalístico desde a organização do trabalho, passando pela seleção da pauta e interferindo até na recepção de quem recebe esse conteúdo conforme seleção algorítmica.

Olhar para a redação e percebê-la mesmo no espaço virtual é importante para termos a noção fundamental que nos permite acompanhar e investigar as mudanças do jornalismo. A redação virtual se constitui em espaço e tempo nos quais se operam as ações e decisões sobre o trabalho. É o ambiente em que se modulam e se padronizam as relações de trabalho e é o local possível para se observar como esses jornalistas falam *sobre e no* trabalho em termos ideológicos; como constroem valor de uso e de troca; e como se dão as novas formas culturais das relações de produção, bem como os valores mobilizados para o trabalho e o que levam do trabalho para a sociedade.

A redação virtual é um espaço finito, delimitado e exequível para acompanhar e analisar as transformações do jornalismo, das condições de trabalho do jornalista e as mudanças quanto aos meios de produção, assim ver como os profissionais interagem nesse contexto determinado com as tecnologias de informação e comunicação.

Pode ser considerada uma redação virtual o agrupamento on-line a partir de três ou mais jornalistas, configurando um arranjo que atua para produzir material jornalístico. A redação pode ser dividida por função ou linguagem (secretaria de redação, editor, fotógrafo, texto, vídeo, charge, tradução, *designer* etc.), ou editoria (nacional, internacional, política, moradia, cidades, direitos humanos etc.), coberturas, programas ou projetos especiais (em torno de eventos, acontecimentos, elaboração de livros, manuais, reportagens e programas especiais) ou por interesse dos colaboradores (educadores, trabalhadores do transporte, petroleiros etc.) que ora são fontes, ora cumprem papel de elaborar a matéria ou parte dela.

METODOLOGIA E ECOSISTEMA

Atender o conteúdo que circula por esses grupos e distribuir nas plataformas. Desde a cobertura de manifestações, acompanhamento da conjuntura, das transmissões (de várias estéticas distintas), original ninja, hub para outras mídias



CHAT POR LINGUAGEM: redes, fotografia, audiovisual, design, redação e seus níveis operativos, além da grupo mídia ninja.



CHAT POR REGIONAL nos distribuímos nas regiões norte, nordeste, centro oeste, sudeste e sul. E capitais.



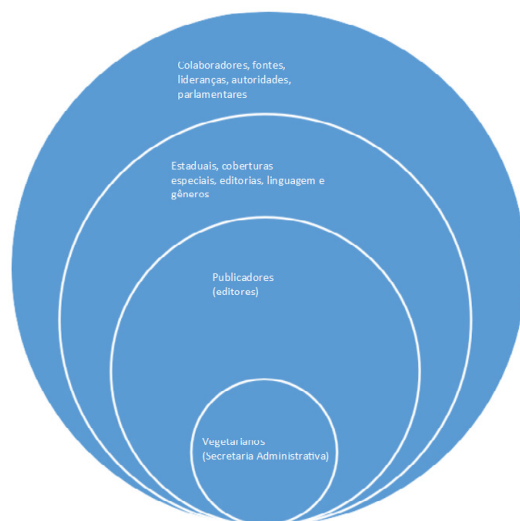
GESTÃO espaços de gestão de conteúdo e fluxos. Editoria: Editoria coletiva | Operativa: Produção e alinhamento. | Convite: convites NINJA & FdE |

TRINTA-E-DOIS CHATS!



Assim como na redação física, o espaço social da produção jornalística também é marcado por hierarquias e atribuições diferenciadas. As relações são mais horizontais e o profissional goza de mais liberdade e autonomia no fazer jornalístico. Entretanto, essas relações estão localizadas em espaços diferentes, como podemos verificar na imagem do fluxo de trabalho dos Jornalistas Livres.

Fluxo da redação virtual dos Jornalistas Livres



Fonte: A redação virtual e as rotinas produtivas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia.

Essa figura ilustra a hierarquia no Jornalistas Livres, cujas posições centrais orientam e decidem a produção jornalística. Embora essa organização seja diferente da verticalização da redação física, os círculos denotam a presença de direção no arranjo. O círculo menor é o núcleo dirigente que conta com menos pessoas e decide quem entra nos grupos, questões práticas etc. O segundo círculo, a redação de Publicadores, engloba a secretaria e decide sobre as postagens, conteúdos, distribuição de pauta etc. Os espaços destinados a coberturas estaduais, especiais e de linguagem decidem sobre temas específicos atribuídos para esses locais; e o Colaboradores é um espaço amplo para encaminhamentos de textos prontos, fotos, sugestões de pautas etc. Cada círculo representa uma esfera de decisão.

As redações virtuais analisadas estão inseridas em aplicativos e *softwares* com origem no exterior (Estados Unidos e Rússia). Essas plataformas detêm e produzem discursos ideológicos próprios e aparentam modificar as relações de produção, sendo espontâneas, sem hierarquia, livres e sem interesses no controle algorítmico e na concentração de tráfego na rede mundial de computadores. Aparentam ser componentes da esfera pública, quando, na verdade, são essencialmente privadas. Os coletivos e veículos alternativos que analisamos dependem desses aplicativos e *softwares* para existirem como lugar social do trabalho. Por exemplo, as rotinas produtivas são conformadas por essas plataformas, e sofre o impacto dessa lógica. Refletir sobre a organização da rotina produtiva que passa pelo WhatsApp, é buscar compreender como ele contribui para remodelar a sociabilidade no e do trabalho.

Outro fator que podemos definir é que a redação virtual representa o espaço de transformações na produção do jornalismo, contudo, dialeticamente é o espaço em que se dão as contradições do trabalho e as relações mais precárias, em alguns casos, sem jornada fixa, divisão de tempo de trabalho e não trabalho e intensidade do trabalho com engajamento total e polivalência. Quanto menos formas de sustentação, maior a dependência da tecnologia para fazer todo o trabalho no jornalismo.

Isso também se dá porque as plataformas encontraram um terreno fértil para se perpetuar no neoliberalismo. Um ponto basilar é a própria ideia de *homo economicus*, compreendido por Foucault como “parceiro, como vis-à-vis, como elemento de base da nova razão governamental tal como se formula no século XVIII”⁸¹ Esse sujeito, ainda segundo o autor, é também um homem de interesse cuja vontade individual pode ser articulada com a vontade jurídica e está imerso numa convergência de interesses e incidentes. Dardot e Laval⁸² nomeiam o “homem empresarial ou empreendedor” como o ponto focal entre as relações institucionais e a ação individual. O sujeito empreendedor é o princípio de conduta

81 FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes. 2008.

82 LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo. 2016.

potencialmente universal mais essencial à ordem capitalista e destrói toda a potencial força da solidariedade dos coletivos de trabalho.

O que queremos demonstrar aqui é a articulação entre plataformização do trabalho, neoliberalismo e o toyotismo⁸³. Embora haja inovações na forma de extração de valor com o uso dos dados, elas somente são possíveis devido a questões implantadas pela reestruturação produtiva aos moldes toyotistas. A análise do mundo do trabalho do jornalista nos mostra isso através das chaves polivalência, trabalho por projetos, por demanda e a exigência de engajamento total. O próprio manual do toyotismo compara o engajamento com time de futebol. Porém, nos tempos atuais, não é mais suficiente vestir a camisa, mas sim mobilizar a nossa subjetividade e estar engajados o tempo todo para o trabalho conectado. A jornada de trabalho passou a ser prolongada, não há limites do tempo de trabalho e não trabalho, antes bem delimitado. As multitarefas se embaralham, mas as que são do trabalho multiplicam-se, se avolumam e acabam dominando toda a gestão do tempo do jornalista. O trabalho está principalmente no celular junto aos grupos de família, da escola do filho, do condomínio também sem limites claros em todo fluxo de informação.

O resultado desse processo é a intensificação do trabalho, o aumento de casos de doenças como depressão, ansiedade, dificuldade para dormir como nos evidencia o relato dos próprios profissionais.

A redação virtual e a plataformização do trabalho do jornalista veio para ficar? Esse debate está em processo, em transição. Embora a tendência seja, como vimos em todo esse artigo, o crescimento do chamado capitalismo de plataforma, os profissionais do jornalismo produzem uma mercadoria – considerando o ponto de vista liberal – diferenciada, um bem intangível, simbólico e cultural que perdura através da história. A atividade jornalística realizada isoladamente, na solidão imposta pelas plataformas, pode perder esse valor. Essa questão ficou

83 Modelo produtivo elaborado por Taiichi Ohno, Eiji Toyoda e Shingeo Shingo e tem essa nomenclatura por ter sido desenvolvido na fábrica da Toyota, no Japão, após a Segunda Guerra Mundial, a partir da década de 1960. Entre as lógicas de produção para fabricação de produtos com menores custos possíveis, com sistema *just-in-time* que faz a regulação entre a matéria-prima, produção e venda sob demanda; que os profissionais sejam multitarefas, polivalentes, diversificação dos produtos, com maior controle do trabalho e do processo de produção.

clara enquanto ocorria a mudança de uma sede física para o ambiente digital do Opera Mundi. Durante o trabalho, somente através da redação virtual, os jornalistas afirmaram perda de audiência no *site*.

Breves considerações

Estamos no olho do furacão. Citamos essa metáfora algumas vezes no decorrer desta explanação. Mas o que representa estar neste lugar e tempo históricos? Diz respeito a estar justamente em um momento em que os rumos dos ventos, ou movimento dialético, estejam mais fortes, mais acelerados. O problema é que, como também metaforizou Antonio Gramsci, quando “O velho mundo agoniza, um novo mundo tarda a nascer, e, nesse claro-escuro, irrompem os monstros”⁸⁴. É nessa interação de movimentos contrários que as condições e as transformações do mundo do trabalho lutam para se consolidar. Nestas circunstâncias, há também a oportunidade de se atentar ao movimento real e intervir conscientemente no rumo destas mudanças.

São modificações no espectro geral do jornalismo. Desde o seu papel na sociedade, suas condições materiais de produção, suas características como objetividade, periodicidade, na sua produção, circulação e recepção. O uso dos dados como novo componente do modo de produção geral e a sua influência na área da comunicação necessita ser mais bem compreendida por nós, porque têm impacto nas mudanças sociais que estão acontecendo. O mundo do trabalho pode nos revelar problemáticas mais gerais, porque o mundo do trabalho transborda para todas as áreas em que estamos inseridos.

Há uma série de questões que merecem ser aprofundadas. Está aberta uma agenda de pesquisa ampla para a investigação destes fenômenos. O próprio conceito que apresentamos de redação virtual está em construção e merece ser ainda mais desenvolvido. Há também a questão da sociabilidade nos espaços virtuais de trabalho, as formas em que os profissionais se relacionam, as modulações das relações, entre outras, inclusive

84 GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere – Vol. 1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 1755.

as formas de inovação do capitalismo atual, definições de conceitos, tipologias etc. São aspectos que temos muito ainda a decodificar, a estudar, analisar e sistematizar de forma coletiva, entre áreas de conhecimento.

A questão da regulação das plataformas pelos Estados, mesmo estando esse conceito em crise como apontamos na primeira parte deste artigo, é essencial para o presente e futuro de nossa civilização. Para explorar ainda mais os dados, há um processo de indução de comportamentos, o cerceamento da liberdade de expressão ocasionada principalmente devido ao monopólio das grandes empresas, o impacto nas democracias e a precarização total das relações de trabalho não são questões que podem ser tratadas como laterais ou com determinismo histórico (e tecnológico) que gera uma alta dose de fatalismo e pessimismo. Se há movimento, mesmo que seja com a força de um furacão, sempre há também possibilidade de mudança.

Referências bibliográficas

ABILIO, L. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Revista Psicoperspectivas**, n. 3, 2019. Disponível em: <https://www.cesit.net.br/uberizacao-do-empreendedorismo-para-o-autogerenciamento-subordinado/>.

ABÍLIO, L. Uberização: a era do trabalhador just-in-time?. **Revista Estudos Avançados**, 34 (98), jan-apr 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.008>.

ALDÉ, Alessandra. A mídia e a guerra do Iraque. **Revista Contemporânea**, UFBA, n. 1, 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/21239-68321-1-SM.pdf>.

ANTUNES, R. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

EUTACHE, S.; TROCHET, J. A jogada por trás dos sites caça-cliques. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 10/out./2017. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-jogada-por-tras-dos-sites-caca-cliques/>.

FIGARO, Roseli (Org.). **Relatório da pesquisa – Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19**. 2021. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp-content/uploads/Covid-19-segunda-fase-relat%C3%B3rio-2021-1.pdf>.

FIGARO, R.; MARQUES, Ana Flávia. A comunicação como trabalho no capitalismo de plataforma: o caso das mudanças no jornalismo. **Revista Contracampo**, v. 39, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38566>.

- FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Salta, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo. Martins Fontes. 2008.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. **EPTIC**, v. 22, n. 1, 2020.
- GROHMANN, R. Plataformização do trabalho: características e alternativas. *In*: ANTUNES, R. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo. 2016.
- MARQUES, Ana Flávia. **A redação virtual e as rotinas produtivas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-16022021-201705/pt-br.php>. Acesso em: 17 ago. 2021.
- MARX, KARL. **Capital**: crítica da economia política: livro I; São Paulo: Boitempo, 2014.
- MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- OLIVEIRA, Murilo Carvalho Sampaio; CARELLI, Rodrigo de Lacerda; GRILLO, Sayonara. Conceito e crítica das plataformas digitais de trabalho. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, 2020, p. 2609-2634. Disponível em: <https://bit.ly/2NlxXxt>.
- REBECHI, Claudia; PINTO, Geraldo. Da lean manufacturing à smart factory: a comunicação nos processos de organização do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Contracampo**, 2020. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38576>.
- SADOWSKI, Jathan. The Internet of Landlords: Digital Platforms and New Mechanisms of Rentier Capitalism. **Antipode**, v. 52, n. 2, mar. 2020. ISSN 0066-4812, pp. 1-19. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/anti.12595>.
- SLEE, Tom. **Uberização**: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Ubu, 2017.
- SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. John Wiley & Sons, 2017.
- VAN DIJCK, José; *et al.* **The Platform Society. Public values in a connective world**. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. [1980] São Paulo: EdUnesp, 2011.
- ZUBOFF, Shoshana. Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization. **Journal of Information Technology**, v. 30, n. 1, 2015